

## Mudança no estatuto morfológico de formativos: evidência de um *continuum* composição-derivação

Carlos Alexandre Victorio Gonçalves<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** Constitui objetivo do texto mostrar que a mudança morfológica é um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original. Neste artigo, procuramos mostrar que muitos dos chamados radicais neoclássicos – sobretudo os encontrados na segunda posição, a exemplo de *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo* – vêm formando séries de palavras e se comportado como sufixos no português contemporâneo (pelo menos na variedade brasileira).

**Palavras-chave:** Mudança. Morfologia. Composição. Derivação.

### Introdução

Nosso objetivo, neste artigo, é mostrar que a mudança morfológica, tal como apontam, entre outros, Bauer (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), constitui um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original. Neste artigo, procuramos destacar que muitos dos chamados “radicais eruditos” (CUNHA, 1975; LUFT, 1978) – sobretudo os encontrados na segunda posição, como *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo* – vêm formando séries de palavras e se comportado como sufixos no português contemporâneo (pelo menos na variedade brasileira).

O trabalho é dividido da seguinte maneira: em primeiro lugar, refletimos sobre as principais diferenças entre composição e derivação, tomando por base recentes propostas de tratamento para o binômio na literatura linguística contemporânea. Na sequência, trazemos evidências históricas de mudança no estatuto morfológico dos cinco “radicais eruditos” tomados para análise. Por fim, mostramos as vantagens de analisar composição e derivação

---

<sup>1</sup> Professor Associado IV do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisador-bolsista do CNPq (nível 1). Cientista do Nosso Estado da FAPERJ.

como *polos* de um *continuum*, enfatizando que essa proposta é extremamente promissora e encontra guarida na morfologia do português.

## 1. Sobre as principais diferenças entre composição e derivação

Na literatura recente, os processos de formação de palavras têm sido objeto de discussão em abordagens linguísticas de orientações teóricas as mais variadas. No que diz respeito à composição e à derivação, diferentes posturas são adotadas. Há autores que entendem derivação e composição como processos totalmente distintos, sendo o primeiro processado no léxico e o segundo, na sintaxe (ANDERSON, 1992), dada a alta transparência dos compostos para operações de concordância. Por outro lado, há abordagens que negam por completo a existência de fronteiras rígidas entre os dois mecanismos, alegando que ambos são instâncias da formação de palavras e, por isso mesmo, governados pelos mesmos princípios (SINGH, 1997; BOOIJ, 2005). Há, ainda, os que, apesar de assumirem que composição e derivação são operações diferentes, defendem que tais mecanismos não podem ser distinguidos claramente e que os limites entre tais processos são difusos (KASTOVSKY, 2009; GONÇALVES, 2011a; RIO-TORTO e RIBEIRO, 2012).

Dentre as diferentes perspectivas sobre o binômio, chama atenção a postura adotada por autores como Bauer (2005), Kastovsky (2009) e Ralli (2010), para os quais as fronteiras entre composição e derivação são flexíveis e o que existe mesmo é um *continuum* morfológico que abarca desde os mais prototípicos casos de composição, passando por formações lexicais que dividem características tanto composicionais quanto derivacionais, aos casos de derivação prototípica. Face aos limites difusos entre composição e derivação, identificam-se elementos morfológicos de difícil classificação, por se encontrarem em posição intermediária nesse *continuum*. Dentre esses casos, podem ser mencionados os radicais neoclássicos, os quais apresentam características tanto composicionais quanto derivacionais (LÜDELING, 2009; GONÇALVES, 2011b).

Na tabela a seguir, extraída de Gonçalves (2011a: 68-69), são listadas as principais diferenças entre os dois processos. Essa lista de características, no entanto, só se aplica inteiramente aos casos mais prototípicos, pois – mostram Bauer (2005), Booij (2005) e Fandrich (2008), entre outros autores – categorizar um constituinte como radical ou afixo não

constitui tarefa das mais simples, já que há, nas línguas naturais, formativos com características dessas duas operações morfológicas.

	Composição	Derivação
Unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou é direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica	Realização em uma única palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Predominantemente endocêntrica
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i> )	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produce palavras em série

**Tabela 1.** Principais diferenças entre composição e derivação.

Em português, observam Gonçalves (2011a) e Gonçalves e Andrade (2012), vem sendo cada vez mais comum o emprego de uma série de elementos difíceis de categorizar: (a) *splinters*, pedaços de palavras que se originam de cruzamentos vocabulares e criam séries de novas formações (*caipi-*, *-drasta*, *-trocinio*); (b) *xenoconstituintes*, *splinters* importados diretamente do inglês, mas amplamente utilizados em português (*cyber-*, *pit-*, *wiki-*, *-tube*); e (c) elementos neoclássicos ressemantizados, como *bio-* e *homo-*, que compactam o significado de *biologia* e *homossexual*, levando essas acepções para novas criações lexicais (*bio-combistível*, *homo-estimulante*).

Booij (2005) defende que a composição e a derivação não são processos claramente distintos e que suas fronteiras são maleáveis de ambos os lados. Sobre isso, Ralli (2007) propõe um *continuum* de unidades envolvidas na formação de palavras, que vai do polo esquerdo, ocupado pelos afixos, ao polo direito, ocupado pelos radicais livres, passando pelos radicais presos e neoclássicos, como se vê na representação feita na figura (02) a seguir. Entre os extremos dessa escala, encontram-se, então, elementos de fronteira, a exemplos dos afixoides<sup>2</sup>.

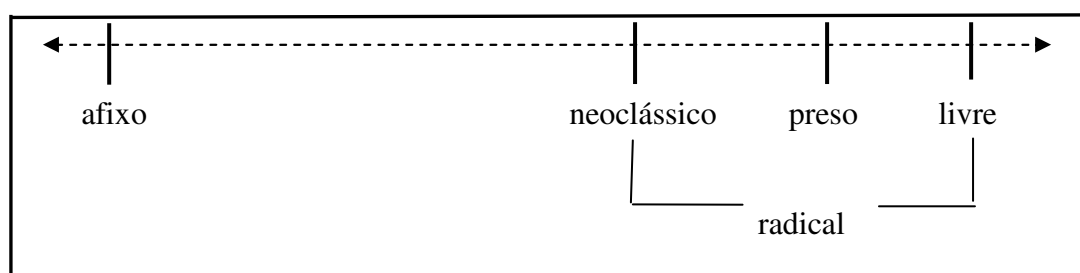


Figura 1. Continuum afixo-radical proposto por Baker (2000).

### 3. Gramaticalização: evidência da flexibilização de fronteiras

Processos de gramaticalização<sup>3</sup> evidenciam a possibilidade de transitar da composição para a derivação, sendo bastante numerosos os exemplos históricos desse percurso nas línguas naturais (JOSEPH, 1998). Um caso já clássico desse tipo de mudança em português e nas demais línguas neolatinas é o de *-mente*, hoje sufixo formador de advérbios a partir de adjetivos, ainda que não prototípico. Em latim, estruturas *X-mente* tinham estatuto de sintagmas, visto que o elemento à direita figurava como forma livre na língua (um substantivo feminino) e era depreendido como tal nas construções de que participava. Relata-nos Alves (1987) que a enorme produção de novas formas fez com que *-mente* passasse a funcionar

<sup>2</sup> Na literatura sobre o português, o termo afixoide apresenta três diferentes acepções: (a) faz alusão a elementos não-recorrentes, característicos de formações isoladas, a exemplo do *-ebre* de *casebre* (ROCHA, 1998); (b) formas livres ou dependentes ressemantizadas que, necessariamente, coexistem com formas que participam de palavras complexas, como *entre-*, em 'entreabrir', e *-mania*, em 'chocomania' (SANDMANN, 1989); (c) elementos encurtados que remetem, metonimicamente, ao significado da palavra complexa de origem e não concorrem com nenhuma palavra pré-existente (DUARTE, 1999), a exemplo de *foto-*, em 'foto-jornalismo'. Neste artigo, fazemos referência a essa terceira acepção.

<sup>3</sup> Neste artigo, assumimos a definição de Castilho (1997: 31): "a gramaticalização ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo status como item gramatical ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (=recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer como consequência de uma cristalização extrema".

como sufixo. A esse propósito, comenta a autora (ALVES, 1987, p. 35): “a partir do momento em que passou a juntar-se a adjetivos, como em ‘rapidamente’, ‘recentemente’, perdeu a significação e o valor substantivo e, de termo componente, passou a funcionar como sufixo criador de advérbios”.

Gramaticalização semelhante à de *-mente* vem ocorrendo, no nosso entendimento, com alguns radicais gregos adjungidos à direita. Construções agentivas e instrumentais terminadas em *-logo* (‘arqueólogo’), *-grafo* (‘coreógrafo’), *-latra* (‘chocolatra’) e *-metro* (‘olhômetro’), bem como as formações locativas finalizadas em *-dromo* (‘camelódromo’), reforçam a proposta de *continuum* composição-derivação, fornecendo evidência empírica em favor da proposta de autores como Baker (2000), Ralii (2007) e Kastovsky (2009).

A seguir, analisamos longitudinalmente esses formativos. Para tanto, utilizamos, como fontes de informações diacrônicas, compêndios de gramática histórica (SAID ALI, 1966; COUTINHO, 1968), manuais de filologia e linguística portuguesa (LAPA, 1971; CHAVES DE MELO, 1981) e, principalmente, dicionários etimológicos (NASCENTES, 1955; MACHADO, 1967; COROMINAS, 1987; BUENO, 1988; CUNHA, 1994) e dicionários morfológicos (GÓES, 1937; GÓES, 1945; HECKLER *ET AL.*, 1981).

Os dados que embasam a análise foram recolhidos de dicionários eletrônicos (AURÉLIO, 1999; MICHAËLLIS, 2007; HOUAISS, 2001; AULETE, 2009), através de ferramentas de busca encontradas nas próprias obras; posteriormente, com o objetivo de chegar ao maior número possível de formações recentes, utilizamos os rastreadores eletrônicos *Google* e *Yahoo*, conseguindo, com isso, extrair dados de *blogs*, *chats* e *posts* nas redes sociais, como o *orkut* e o *facebook*<sup>4</sup>.

#### 4. O comportamento dos formativos tomados para análise

Apresentamos, a seguir, (a) a visão de alguns gramáticos, dicionaristas e morfólogos do português sobre a composição de base presa, com ênfase nos formativos tomados para análise – *-logo*, *-grafo*, *-latra*, *-metro* e *-dromo*; (b) uma breve investigação histórica sobre

---

<sup>4</sup> A recolha dos dados se deu durante o período de junho a dezembro de 2010 e contou com a participação dos seguintes bolsistas de iniciação científica: Anne Karenine Guimarães Nascimento, Clarice Barcellos dos Santos Azevedo, José Augusto de Oliveira Pires, Karla Cristina dos Santos Klotz, Luciana Regina Cerqueira de Melo e Thaiane Santos Espíndola. Uma coleta menos sistemática foi feita, paralelamente, a partir de fontes diversas: jornais e revistas de grande circulação nacional, como o *Jornal do Brasil* e a revista *Veja*, além de dados ouvidos em diferentes situações de interação linguística, como conversas informais e programas de televisão. O projeto se encontra em andamento e os jovens pesquisadores vêm desenvolvendo estudos individuais sobre cada desses elementos morfológicos.

esses elementos; (c) indícios de seu comportamento como sufixos no português brasileiro; (d) modificação no significado prototípico de todos esses elementos formais; e, por fim, (e) seu possível posicionamento no *continuum* derivação-composição, segundo os critérios empíricos que reunimos na Tabela 1.

As gramáticas tradicionais em geral não divergem na afirmação de que é a composição (neoclássica) o processo de formação de palavras que envolve a utilização dos formativos gregos *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* e *-dromo*. Cunha e Cintra (1985, p. 107-110), por exemplo, mostram que as unidades resultantes da adjunção desses “radicais” são compostos eruditos; ressaltam, ainda, que esses elementos ocorrem preferencialmente na segunda posição.

Em Campos (1935), destaca-se que os tecnicismos (nomes criados intencionalmente para cunhar desenvolvimentos científicos e filosófico-literários, sobretudo no início do século passado), são, em grande escala, construídos pelo modelo de composição greco-latina, no qual o primeiro radical é determinante do segundo, como se observa nos exemplos a seguir, extraídos de Gonçalves (2011b, p. 23)<sup>5</sup>:

(01)	pneumólogo	saurógrafo	idólatra	hipódromo	cronômetro
	teatrólogo	taticógrafo	alcólatra	velódromo	centímetro
	africanólogo	fotógrafo	pirólatra	canódromo	volúmetro
	geógrafo	geógrafo	hipnólatra	autódromo	barômetro

O fato de a cabeça lexical sempre figurar à direita unifica as formações em análise. Perceba-se que as bases em primeira posição sempre funcionam como adjuntos ou modificadores, não respondendo, por exemplo, pela informação sintática (classe do produto) ou pelo gênero. Gonçalves (2011b) destaca que três desses formativos – *-logo*, *-latra* e *-dromo* – são formas claramente presas, apresentando, assim, mais uma característica das derivações mais prototípicas (ver Tabela 1); *-metro*, ao contrário, corresponde a uma palavra, o substantivo ‘metro’ (“unidade de medida”), tendo, por isso mesmo, estatuto maior de radical. Observa, ainda, que *-grafo* se encontra numa posição intermediária: apesar de não ser

<sup>5</sup> Compre reforçar que os dados são oriundos de várias fontes, como ressaltamos na seção precedente. No caso dos dados em (01), todos tecnicismos, a principal fonte são os dicionários. Na abordagem aqui empreendida, mais geral e em nível especulativo, não se faz necessário o controle da frequência dos itens, uma vez que estamos interessados em observar, principalmente, as diferenças entre as construções mais antigas, como as em (01), e as mais novas, apresentadas mais adiante.

uma palavra, no sentido estrito do termo, manifesta um conteúdo mais lexical, talvez em função da alta frequência de formas como ‘grafar’ e ‘grafia’.

Pela descrição feita nas gramáticas (normativas ou históricas), um critério pertinente para diferenciar composição de derivação é a posição do formativo no interior da palavra. O critério posição (ver Tabela 1), indiretamente aludido, por exemplo, em Cunha e Cintra (1985), possibilita antever distinção entre os formativos, pois *-metro*, *-grafo* e *-logo* seriam interpretados como radicais por também aparecerem à esquerda, diferenciando-se, com isso, de *-dromo* e *-latra*, sempre adjungidos à direita, como se vê nos exemplos em (02), a seguir, também extraídos de Gonçalves (2011b, p. 26):

(02)	métrico	logosfia	grafar
	metragem	logomania	grafema
	metrista	lógica	grafia

Martinet (1979) denominou de “confixos”<sup>6</sup> os elementos sem posição pré-determinada na estrutura da palavra, como os apresentados em (02). O critério mobilidade posicional, portanto, nos levaria a categorizar tais constituintes como radicais, já que verdadeiros afixos não mudariam de lugar. A posição no interior da palavra, entretanto, não é considerada um critério inteiramente seguro. Autores como Iorgu e Manoliu (1980, p. 446) se apoiam em argumentos históricos para mostrar que a existência de formas com um sufixo aparecendo na posição de radical é evidência de que se processou, de fato, uma mudança no estatuto de tais elementos. Para autores como Booij (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008), dados como os apresentados em (02) corroboram o processo de gramaticalização.

Delinear o caminho percorrido pelos formativos sob suspeição desde sua entrada na língua até a atualidade não é tarefa das mais fáceis, mas uma abordagem dessa natureza é imprescindível para checar uma eventual mudança de estatuto morfológico. Foi o que tentamos fazer, sem grandes pretensões na área, pois sabemos do rigor que uma pesquisa dessa envergadura requer em termos metodológicos. Nessa empreitada, baseamo-nos, fundamentalmente, (a) no depoimento de gramáticos históricos, (b) nas datações apontadas

<sup>6</sup> Para Martinet (1979), confixos são elementos que gradualmente adquirem característica de sufixo, mas, em decorrência da oscilação posicional, são considerados uma categoria à parte. A utilização de uma forma com a sequência-fixa para nomear essas entidades evidencia que o autor considera tais elementos como formas a caminho da derivação.



pelos dicionários etimológicos e, sobretudo, (c) no comportamento estrutural das formações mais antigas, quando comparadas às mais novas.

Cunha (1994) apresenta *-grafo*, *-logo*, *-latra*, *-dromo* e *-metro* como elementos de composição e formadores de vocábulos na própria língua grega. Destaca, além disso, que esses formativos foram introduzidos na linguagem científica internacional a partir do século XIX, a exemplo de ‘barômetro’, ‘egiptólogo’, ‘pirólatra’, ‘taquígrafo’ e ‘acródromo’. Formas mais antigas com essas terminações foram importadas para o português no Renascimento, entre os séculos XV e XVII. Tal é o caso, entre outras, de ‘idólatra’ (1572), ‘hipódromo’ (1667) e ‘epílogo’ (1566). Duas palavras em *-logo*, ‘prólogo’ e ‘diálogo’, são ainda mais antigas: datam dos séculos XII-XIII.

Com base na datação, podemos propor a seguinte linha temporal para os formativos em análise, considerando, para tanto, apenas as palavras nas quais ocupam a segunda posição:

<i>Século de ingresso</i>	<i>-logo</i>	<i>-grafo</i>	<i>-latra</i>	<i>-dromo</i>	<i>-metro</i>
Formas antigas (sécs. XII-XIII)	prólogo diálogo	-	-	-	-
Formas importadas no Renascimento (sécs. XV-XVII)	epílogo decálogo astrólogo catálogo	-	idólatra	hipódromo	-
Formas importadas na nomenclatura científica (séc. XIX)	alergólogo pneumólogo epidemiólogo biólogo	taquígrafo geógrafo biógrafo hagiógrafo	pirólatra litólatra	termos da botânica acródromo	centímetro barômetro altímetro aerômetro
Formas novas (sécs. XX-XXI)	museólogo sexólogo teatrólogo leprólogo	museógrafo siglógrafo tragediógrafo	todas as demais	todas as demais	bafômetro olhômetro

**Quadro 1.** Percurso histórico dos formativos

O Quadro 1 sugere que as formas passaram, em linhas gerais, por dois grandes momentos de importação direta: (a) até o século XVII, com ingresso via erudita, do grego ou do latim, e (b) no século XIX e primeiro quartel do século XX, com a utilização na linguagem científica internacional, sendo predominantemente emprestadas do francês e do italiano. A partir desse período, novas formas são criadas já em português, o que se evidencia, por



exemplo, no tipo de base utilizado. No final do século XX, com o advento da *Internet*, esses usos parecem ser incrementar para outras funções e gêneros discursivos.

Até o século XX, palavras com as terminações em exame eram empréstimos. A maioria delas, por apresentar um radical preso na primeira posição, é extremamente opaca em termos estruturais, não havendo, adicionalmente, regularidade em relação ao significado, de modo a fornecer condições mínimas de isolabilidade das partes. Os dados a seguir, de *-logo* e *-grafo*, confirmam o que estamos afirmando:

(03)	prólogo	autógrafo
	análogo	linógrafo
	penálogo	polígrafo
	antólogo	mimeógrafo
	ictiólogo	geógrafo

A ampla utilização dessas terminações na nomenclatura científica, literária e filosófica, aliada à alta proliferação de formas com significado relacionado, parece ter fornecido condições mínimas para o reconhecimento da estruturação morfológica e, com isso, novos eruditismos foram criados, mas de maneira deliberadamente arquitetada, caracterizando o que podemos chamar, recorrendo a Sandmann (1985), de palavras manufaturadas. Tal fato parece ter levado (a) à fixação dos empréstimos no léxico, (b) à formação de palavras a partir de palavras e (c) à produção em série, o que provavelmente engatilhou uma mudança no estatuto morfológico desses constituintes ainda no século XX.

No século XX, portanto, todos esses elementos aparecem vinculados a formas livres, deixando de se combinar apenas com radicais presos. Certamente por ação da analogia, fixa-se a vogal que antecede o formativo. Nas formas mais antigas, como se vê nos exemplos a seguir, no Quadro 2, não há regularidade nesse constituinte, tradicionalmente classificado como vogal de ligação. Nas mais novas, ao contrário, a vogal é sempre uma média posterior aberta, exceto nas construções *X-metro*, por conta da adjacência com uma nasal, como atestam os dados no Quadro 3.

	<i>-a</i>	<i>-ê, é</i>	<i>i</i>	<i>ô, ó</i>
<i>-logo</i>	análogo catálogo diálogo		epílogo trílogo	heterólogo homólogo isólogo

	<b>-a</b>	<b>-ê, é</b>	<b>i</b>	<b>ô, ó</b>
	quincálogo decálogo			psicólogo rabdólogo
-grafo	parágrafo	telégrafo	calígrafo estratígrafo rafígrafo polígrafo postígrafo	corógrafo crisógrafo dactilógrafo mimeógrafo monógrafo
-metro	decâmetro diâmetro gigâmetro rotâmetro voltâmetro	marêmetro telêmetro	acustímetro aerímetro taxímetro aplaudímetro parquímetro	litômetro nefômetro optômetro pugliômetro sismômetro
-latra	-	-	-	estratólatra heliólatra ufólatra iconólatra ególatra
-dromo	-	-	-	hipódromo autódromo velódromo actinódromo lupódromo

**Quadro 2.** Vogal que antecede os elementos nas formas mais antigas.

<b>Vogal</b>	<b>-ô</b>	<b>ó</b>
-metro	impostômetro, semancômetro, loucômetro, gasômetro, bafômetro,	-
-logo	-	sexólogo, futurólogo, pneumólogo, teatrólogo, lexicólogo
-dromo	-	sambódromo, fumódromo, camelódromo, boiódromo, kartódromo
-latra	-	cervejólatra, dinheirólatra, cinemólatra, globólatra, musicólatra
-grafo	-	oceanógrafo, biógrafo, oscilógrafo, sismógrafo, cardiógrafo

**Quadro 3.** Vogal que antecede os elementos nas formas mais novas.

Os dados arrolados sugerem a fixação de um padrão: a vogal, outrora imprevisível e entendida como elemento relacional, passa a ser parte integrante dos formativos à direita. O acento na antepenúltima sílaba constitui, no nosso entendimento, outra característica do polo significante dessas construções. Lehmann (1991, p. 493) aponta os três efeitos da gramaticalização por redução, destacados a seguir, em (04). Observe-se que todos se aplicam inteiramente às formações em exame:

(04)

1. passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical;
2. perda de características fonológicas (erosão/atricção fonológica, mudança segmental ou suprasegmental) e semânticas (extensões polissêmicas);
3. diminuição da liberdade de manipulação do elemento, que se integra a um paradigma, tornando-se cada vez mais regular em certas construções e ocupando posição mais fixa.

Os exemplos em (05), a seguir, extraídos de Gonçalves (2011b, p. 33), confirmam que as novas formações são muito diferentes dos eruditismos mais antigos, pois revelam usos até bastante populares, em nada lembrando os opacos elementos que ocupavam a periferia esquerda das antigas construções:

(05)	beijólogo	barrigólogo	cigarrólogo	bucetólogo
	boiolódromo	bodódromo	fumódromo	trepódromo
	desconfiômetro	olhômetro	mancômetro	bichômetro
	orkutólatra	cinemólatra	coca-cólatra	cuzólatra

A possibilidade de se ligarem a palavras provocou aumento na produtividade dos formativos e favoreceu o alargamento no significado de todos eles<sup>7</sup>. A título de exemplificação, os dados em (06), a seguir, analisados em Rondinini (2004) e em Rondinini e Gonçalves (2007), evidenciam que a noção básica de “agente especialista” (estudioso em X), típica das formações X-ólogo, como ‘africanólogo’, ‘cosmetólogo’ e ‘criminólogo’, estende-se para “apreciador especialista”, nomeando alguém que se caracteriza não somente pela apreciação e pela habitualidade, mas também por um alto grau de entendimento do que se especifica na base:

<sup>7</sup> Ao separarmos as palavras por grupos de afinidade semântica, a fim de verificarmos a recorrência de seus significados, identificamos as seguintes acepções para os formativos em estudo. Observe-se que há uma clara relação de polissemia. Muitas delas, como agente/instrumento, são encontradas em outros sufixos da língua, como -eiro (Marinho, 2004) e -dor (Marinho, 2009):

-ólogo: agente especialista (historiólogo, biólogo), apreciador especialista (mulherólogo, cervejólogo);

-ógrafo: especialista prático (historiógrafo, biógrafo), instrumento (cardiógrafo, tomógrafo);

-ólatra: adorador (idólatra, astrólatra), viciado (alcólatra, chocólatra);

-ômetro: unidade de medida (centímetro), instrumento (barômetro, bafômetro), medidor (olhômetro).

- (06) cervejólogo  
funkólogo  
mulherólogo  
cigarrólogo  
biscoitólogo

A constatação de que existe um modelo geral para a criação de palavras terminadas nesses elementos formais valida as proposições iniciais de que eles não mais se comportam como radicais, deixando de funcionar como bases na formação de compostos. Essa pequena análise histórica, portanto, sustenta a proposta de Bauer (2005), uma vez que os cinco formativos aqui analisados, ao que tudo indica, transitaram, ao longo da história do português, da composição para a derivação, tendo hoje mais propriedades de derivados que de compostos. Para validar essa proposta, aplicamos, na próxima seção, os critérios empíricos utilizados por Préié (2008) para diferenciar afixos de radicais e/ou formas combinatórias<sup>8</sup>, observando em que medida se mostram relevantes aos formativos em exame.

#### 4. Critérios para diferenciar raízes de afixos: o comportamento de *-dromo*

Os critérios formulados por Préié (2008), para diferenciar radicais de afixos, colaboram para demonstrar a migração por que passam os formativos tomados para análise no português brasileiro contemporâneo. A análise dos parâmetros de Préié (*op. cit.*) foi revista por Kastovsky (2009) e aplicada ao português por Gonçalves (2011b); dessa forma, adaptaremos o estudo de Gonçalves (*op. cit.*) às partículas em questão, visando a ratificar a modificação no que concerne ao estatuto morfológico de *-dromo*, *-latra*, *-metro*, *-logo* e *-grafo*. Os critérios são elencados em (07):

- (07) (a). Expansão de inventários; (b). Forma distinta; (c). Restrições de coocorrência; (d) Função sintática + Relação cabeça-modificador; (e). Natureza do significado; (f). Padrão morfossemântico; (h). Produtividade.

---

<sup>8</sup> Em linhas gerais, elementos como *-metro* e *-dromo* tem sido denominados de formas combinatórias (WARREN, 1990; LEHRER, 1998), ou seja, elementos que compartilham propriedades de radicais e afixos. Radicais gregos e latinos que se fixaram numa borda específica da palavra, comportando-se, por isso mesmo, como prefixos (p. ex., *tele-*, em *‘telepizza’*, *‘telenovela’* e *‘televendas’*) ou como sufixos (p. ex., *-cracia*, em *‘burrocracia’* e *‘dilmocracia’*) são exemplos de formas combinatórias para autores como Bauer (1998).

Pelo critério **expansão de inventários**, afirma-se que, “afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos raramente são admitidos; formas combinatórias, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos” (PRÉIÉ, 2008, p. 134). Gonçalves (2011b, p. 25) questiona tal critério, uma vez que:

(i) cria precedente, ao empregar o advérbio ‘relativamente’; e, sobretudo, (ii) pode ser refutado por evidências históricas encontradas em várias línguas, uma vez que a categoria afixo pode ter seu inventário expandido, seja por empréstimos ou por mudança em itens lexicais independentes, como documentado, por exemplo, em Joseph (1998).

Ao levarmos em consideração tal critério, podemos apontar, como caso efetivo de expansão no inventário, o já mencionado afixo *-mente*. No nosso entendimento, processo semelhante passa a acontecer com os formativos em exame, que funcionavam como elementos da composição e, nos dias de hoje, atuam como afixos derivacionais, pois são elementos estáveis em termos de posição e com sentido compatível aos de sufixos mais prototípicos, como destacaremos adiante. Desse modo, o inventário de formas de fato pode ser ampliado tanto no caso de radicais quanto de afixos, o que torna inoperante tal parâmetro.

Pelo critério **forma distinta**, “afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto formas combinatórias, dependendo da análise, terminam (*astro-*, *bio-*) ou iniciam num mesmo segmento (*-ólogo*, *-ólatra*)” (GONÇALVES, 2011b, p. 26). Novamente, questiona-se tal critério, pois vários sufixos do português se iniciam por [i], como são os casos em (08), e “seu estatuto de afixo nunca foi questionado por isso” (GONÇALVES, 2011b, p. 26):

(08)	-ia (‘reitoria’)	-ismo (‘terrorismo’)	-ista (‘motorista’)
	-ice (‘burrice’)	-inho (‘copinho’)	-íssimo (‘belíssimo’)
	-ico (‘calórico’)	-ite (‘laringite’)	-imo (‘acrécimo’)
	-icha (‘barbicha’)	-isco (‘chuveisco’)	-iço (‘quebradiço’)
	-izar (‘utilizar’)	-itar (‘saltitar’)	-iscar (‘mordiscar’)

Ao aplicarmos este critério às partículas em exame, também entendemos que de fato são sufixos nos dias de hoje: a alegada existência de uma vogal de ligação não faz sentido, pois tal segmento não constitui cola morfológica em decorrência de (a) formar, com a base à esquerda, uma única palavra prosódica, criando um produto proparoxítono; e (b) quando da anexação desses elementos a bases que terminam com vogal diferente de -o-, a formação resultante igualmente contém uma média posterior aberta (p. ex., ‘samba’ > ‘sambódromo’;

‘cerveja’ > ‘cervejólogo’). Para nós, no entanto, o principal argumento contra a análise dessa vogal como elemento de ligação é a sistemática presença de /z/, consoante de ligação produtiva no português contemporâneo, em palavras atemáticas (‘paizódromo’, ‘cuzólatra’, ‘gayzólogo’). Faz algum sentido uma consoante de ligação aparecer após uma vogal de ligação, sendo função desses elementos justamente ajustar as sequências morfológicas aos padrões fonotáticos da língua?

O fato de [ɔ] iniciar vários elementos, a exemplo de *-ólatra* e *-ólogo*, de modo algum inviabiliza a análise, uma vez que, como vimos em (08), vários sufixos se iniciam em [i] e o estatuto da vogal inicial, recorrente, jamais foi posto em xeque. Desse modo, o critério **forma distinta** também aponta para uma mudança morfológica dos formativos.

Pelo parâmetro **restrições de coocorrência**, considera-se “que tipo de constituinte morfológico se combina com o elemento em análise” (GONÇALVES, 2011b, p. 26). Ao ponderamos tal critério, tendemos, mais uma vez, a classificar os formativos como elementos da derivação, em decorrência de sufixos ditos legítimos adjungirem-se tanto a formas com livre-curso na língua (‘impostômetro’, ‘sapatólatra’; ‘faringite’, ‘preguicite’) quanto a radicais presos (‘cronômetro’, ‘termômetro’; ‘bursite’, ‘otite’). Na primeira posição, não aparecem elementos como *splinters* ou truncamentos, o que vem reforçar o estatuto sufixal de tais construções.

Os critérios **função sintática** e **relação cabeça-modificador** fazem referência “ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo (cabeça / *determinatum*) e subordinado (modificador / determinante)” (GONÇALVES, 2011b, p. 26). O autor já aponta que alguns elementos como *-logo*, *-grafo*, *-metro*, *-latra* e *-dromo*, “são cabeças lexicais das construções de participam, pois determinam tanto o gênero quanto a categoria lexical do produto, sendo, por isso, interpretados como sufixos” (GONÇALVES, 2011b, p. 26).

O critério **natureza do significado** possibilita observar a densidade semântica dos elementos morfológicos: afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto radicais, segundo Préié (2008, p. 322), são “semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados”. Ralli (2008) também se vale desse parâmetro para confirmar a natureza não-afixal de constituintes como *-dromo* no grego moderno. Para ela, tais formas portam um significado lexical, que caracteriza raízes / lexemas, mas não afixos: “afixos expressam valores categoriais ou relacionais, manifestam noções temporais, espaciais, qualitativas e agentividade, restringindo o tipo de bases a que são adicionados e determinam o tipo de

significado da palavra derivada. Em contraste, “radicais expressam um conceito autônomo denotativo” (IACOBINI, 2004, p. 75).

O atual significado dos elementos analisados – lugar, agente, instrumento – é geral o suficiente para se aplicar em larga escala, sendo compatível com o significado de vários outros sufixos da língua, como *-eiro* (‘sapateiro’, ‘galinheiro’), *-ário* (‘bancário’, ‘insetário’) e *-dor* (‘comprador’, ‘computador’). Desse modo, o significado dessas partículas não é tão denso quanto o de formas como *eco-* (que significa ‘ecologia’) e *petro-* (petróleo), o que os faz parecer sufixos também por esse critério.

No que diz respeito ao critério **padrão morfossemântico**, Gonçalves (2011b, p. 27) afirma que “envolve a padronização automática, recorrente e modelada de palavras derivadas, enquanto formações combinatórias podem variar em estrutura, como os compostos”. Ao estabelecer as diferenças, Préié (2008) menciona a possibilidade de algumas formas combinatórias criarem padrões morfossintáticos que se assemelham aos da derivação. Ao adotarmos tal assertiva para as marcas morfológicas em tela, percebemos, novamente, comportamento condizente ao da derivação: os elementos são fixos, em termos de posição, e previsíveis, em termos de significação.

O último critério adotado – **produtividade** – prevê que afixos “formam palavras em série no português brasileiro” (GONÇALVES, 2011b, p. 28). Em termos gerais, a produção lexical com radicais é menor que a encontrada com afixos. Notamos que as partículas em questão estão em consonância com essa assertiva, haja vista a alta produção de formas nos dias de hoje: 112 formações registradas para *-dromo*, 214 para *-metro* e 323 para *-logo* são números de fato expressivos, revelando uso considerável dos esquemas que esses elementos instanciam no português brasileiro contemporâneo.

Os dados apresentados ao longo deste artigo sinalizam que os constituintes moveram-se para além dos domínios da composição prototípica, uma vez que a maioria das construções com esses elementos não corresponde a palavras fossilizadas. Nas novas formações, há transparência estrutural e semântica e as condições de isolabilidade dos formativos não poderiam ser melhores. Além disso, os itens lexicais resultantes não têm uso restrito na língua; são empregados na linguagem cotidiana e fazem parte do vocabulário comum. Pode-se concluir, portanto, que as formações em *-dromo*, *-latra*, *-metro*, *-logo* e *-grafo* apresentam vários atributos que nos levariam pelo menos a rever a posição de que são compostas as palavras com esses constituintes.



## Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos mostrar que são tênues as fronteiras entre a composição e a derivação, fato que levou autores como Kastovsky (2009) a idealizar um *continuum* entre esses dois processos de formação de palavras. O principal aspecto discutido no artigo, que reforça a proposição de um *continuum* composição-derivação, é a mudança morfológica. Ao descrever o possível percurso histórico de cinco “radicais” eruditos de segunda posição – chamados, na literatura, de formas combinatórias finais (WARREN, 1990; KASTOVSKY, 2009) – observamos que atualmente as formações em *-dromo*, *-latra*, *-metro*, *-logo* e *-grafo* apresentam atributos que nos levariam a rever a posição dos gramáticos tradicionais, para quem são compostas as palavras com esses constituintes.

Com base nos dados, procuramos mostrar que os elementos em análise formam palavras em português e não necessariamente se combinam com bases presas. Além disso, destacamos que a vogal antecedente, antes imprevisível, atualmente é sempre uma média posterior, o que nos leva a questionar se esse segmento é, de fato, vogal de ligação, como sugerem as abordagens tradicionais, ou se, na verdade, é um constituinte fonológico dos formativos que se fixaram à direita.

O fato de três desses elementos também aparecerem na posição inicial, acreditamos, não invalida nossa hipótese, uma vez que:

- a) são pouco numerosos os exemplos, o que nos leva a afirmar ser rara a utilização dos formativos na margem direita da palavra;
- b) nenhuma forma recém-introduzida na língua faz uso de tais elementos na primeira posição; e, por isso mesmo;
- c) nenhum dos cinco constituintes em exame é passível de truncamento, fenômeno que ocorre apenas com radicais e prefixos, a exemplo de *gastro-*, *eletro-*, *ultra-* (< ‘gastroenterologista’, ‘eletrodoméstico’, ‘ultrassom’), de um lado’, e *bi-*, *ex-*, *pós-* (< ‘bissexual’, ‘ex-marido’, ‘pós-graduação’), de outro.

À exceção de *-metro* e *-grafo*, ainda assim em pouquíssimos casos, nenhum dos demais se combina sozinho com um afixo, seja ele prefixo ou sufixo. Todas as características apresentadas neste texto apontam para um possível deslocamento no *continuum* derivação-composição, o que sinaliza uma mudança de estatuto morfológico, de radical a afixo. Para

Bauer (2005), essa é uma forte evidência empírica de que não há um limite preciso entre esses dois processos de formação de palavras, já que elementos podem mudar de *status* morfológico ao longo do tempo.

### Referências bibliográficas:

- ALVES, Ieda Maria. Aspectos da composição nominal em português. *ALFA, Revista de Linguística*, 20 (1): 7-15, 1987.
- ANDERSON, Steven. *A-morphous Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa, digital*. São Paulo: Lexikon, 2009.
- BAKER, Mark. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In S. Bendjaballah et als (Eds.) *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 21-104.
- BAUER, Laurie. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (Eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 97-108.
- BAUER, Laurie. Is there a class of neoclassical compounds, and if so, is it productive? *Linguistics* 36/3, p. 403-422, 1998.
- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (Eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.
- CAMPOS, José Luis. Formação de palavras derivadas da língua portuguesa. In: *RLP*, ano XVI, no 68, 1935, pp. 1-20.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*, 19: 25-64. Salvador: Programa de Pós-graduação em Letras e Lingüística da UFBA, 1997.
- CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.
- COROMINAS, Juan. *Dicionário crítico etimológico*. Madrid: Editorial Gredos, 1987.

COUTINHO, Ismael Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1968.

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC; FENAME, 1975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

DUARTE, Paulo M. Teixeira. Contribuição para o Estudo do Pseudoprefixo em Português. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 2, 1999.

FANDRYCH, Iara. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. In *Lexis, E-Journal in English Lexicology* 2: Submorphemics, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico: Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GÓES, Carlos. *Dicionário de raízes e cognatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.

GÓES, Carlos. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um *Continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, MG, 5, 2011a.

GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. *REVEL, Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, 14, 2011b.

GONÇALVES, C. A. e ANDRADE, K. E. El *status* de los componentes morfológicos y el *continuum* composición–derivación en portugués. *Lingüística* (Madrid), 35 (2): 9-28, 2012.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

HECKLER, Evaldo et al. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.

IACOBINI, Claudio. Composizione con elementi neoclassici. In Grossmann, M. e Rainer, F. (Eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95.

IORGU, Iordan; MANOLIU, María. *Manual de lingüística românica*. Madrid: Gredos, 1980.

JOSEPH, Brian. Diachronic Morphology. In: Andrew Spencer e Arnold Zwick (Eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: About Combining Forms, Classical Compounds and affixoids. In: R. W. McConchie et al. (Eds.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, pp. 1-13.

LAPA, Manoel Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara, 1971.

LEHMANN, Christian. Grammaticalization and Related Changes in Contemporary German. In: E. Traugott e B. Heine (Eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam; Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1991, pp.493-535.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, 73 (1), p. 3-28, 1998.

LÜDELING, A. *Neoclassical word-formation*. Berlin: Universität zu Berlin, 2009.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. Porto alegre: Globo, 1978.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Conferência Editorial, 1967.

MARINHO, Marco Antônio. Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil. Dissertação (Mestrado em Letras (Vernáculas)). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

MARINHO, Marco Antônio. *Do latim ao português: percurso histórico dos sufixos -DOR e -NTE*. 2009. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MARTINET, André. *Grammaire Fonctionnelle du Français*. Paris: Didier, 1979.

MICHAËLLIS, C. *Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2007.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

PETROPOULOU, Evanthia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. In: *Patras Working Papers in Linguistics*, Atenas, vol.1, 2009, p. 40-58.

PRÉIÉ, Tvrtko. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, 2008.

RALLI, Angela. Compounding versus derivation. In: Scalise, S.e Vogel, I. (eds.) *The Benjamins Handbook of Compounding*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

RALLI, Angela. Compound Markers and Parametric Variation. *Language Typology and Universals (STUF)*, 2008, p. 61: 19-38.

RALLI, Angela. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

RIO-TORTO, Graça; RIBEIRO, Silvia. Portuguese compounds. *Probus*, 21(1): 119-145, 2012.

ROCHA, Luiz Carlos. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

RONDININI, Roberto Botelho. *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, 2004.

RONDININI, Roberto Botelho e GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, p. 533-546, 2006.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia e Labor, 1985.

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SINGH, Rajendra. *Trubetzkoy's Orphan*. Amsterdam: Springer, 1997.

WARREN, Beatrice. The importance of combining forms. In: Dressler, Wolfgang U., Hans C. Luschützky Oskar E. Pfeiffer e John R. Rennison (eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990, pp. 111-132.

### **Changes in the morphological statute of formatives: evidences of a *continuum* composition-derivation**

**Abstract:** In this paper, we intent to show that the morphological change is one of the main indicators of a *continuum* compounding-derivation, as affixes may arise from words or bounded radicals and it reveal that, diachronically, morphological items do not always preserve their original status. We also show that many so-called neoclassical radicals – especially those found in the second position, such as *-logo*, *-latra*, *-grafo*, *-metro* and *-dromo*

– create series of words and behave as suffixes in contemporary Portuguese (at least in Brazilian Portuguese).

**Key words:** Linguistic change. Morphology. Compounding. Derivation.

**Recebido em:** 12 de dezembro de 2014.

**Aprovado em:** 11 de julho de 2015.